A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 28 de Outubro de 1906 | NUM. 4

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

APÊLO

Muitos operários que tomaram parte na ùltima greve ficaram desempregados e encontram-se, como é bém de ver, em dificuldades económicas.

Alguns que são obrigados a sair desta capital não têm os recursos necessários.

Apelamos para o operariado em geral, afim de que concorram com o que puderem para auxiliar os seus companheiros desempregados.

E' a ocasião dos trabalhadores mostrarem o seu espírito de solidariedade.

Os que quiserem concorrer com alguma cota para minorar as dificuldades dos ex-grevistas, poderão enviá-la á redacção da LUTA, rua Andradas, 64.

A Luta	5$000
J. C. N.	2$000
Cecilio Dinorá	2$000
Espártaco Písacani	2$000
Alcaiame	2$000

Respigando

Enquanto os trabalhadores eram considerados como homens sem «responsabilidades sociaes», ou como «homens que não têm posição definida na sociedade», porque sempre se conservaram indiferentes ás questões que os afectam, arrastando por longos anos uma existéncia miserável, cheia de amargores e dôres, «reinava a ordem... Tudo seguia o bom caminho...»

Em dado momento, porém, a fôrça das coisas e o desenrolar dos acontecimentos e dos factos, vieram determinar um acto de rebeldia, que a muito se vinha preparando nas profundezas das consciéncias instintivas dos indivíduos, obrigando-os a saír a rua, dar o grito de protesto e afirmar o direito á vida e á liberdade, provando á burguesia que é o operário a poderosa alavanca do progresso e no dia em que cruzasse os braços sobreviriam gravíssimas conseqùéncias para esses que nada fazem e que só sabem estorquir os produtos alheios.

Certamente, não foi por este simples facto que o proletariado desta capital, se atirou aos reveses de uma *grève*, mas sim, porque aspirava um viver mais nobre, mais condigno de um ser humano, de cujo forte e poderoso braço tudo depende. Porém, a retrógrada burguesia que deixou a sêde do ouro matar-lhe a alma, secar o coração e obliterar a consciéncia, opõe barreiras quasi insuperáveis, a todas aspirações grandiosas da colectividade trabalhadora.

Quando o proletariado se põe em campo, disposto a encetar esta luta nobilitante, que trará a redenção, não só a êle mas para a humanidade inteira, não faltam gazeteiros caluniadores que surgem, todos com a mesma cantilena, mentindo vergonhosamente na defesa do deus Capital, e, cogitando todos os meios para desprestigiar o movimento lançam no coração dos inconscientes o pesar e o desánimo, e por cima, com revoltante hipocrisia, fingem-se pesarosos para com os trabalhadores que «são explorados na sua bôa fé pelos xefes neste movimento sem razão de ser».

Quanto aos xefes, que nestes momentos sempre aparecem embaraçando a marcha natural dos acontecimentos não diremos o contrário; mas, quanto ao movimento *grèvista*, êle manifestou-se, porque a evolução tinha chegado ao seu termo, por conseguinte, era inevitável uma transformação mais ou menos brusca na vida dos trabalhadores.

Os mercadores da pena trataram de explorar o assunto o mais que puderam, porque enxergavam na multidão curiosa um bom elemento para produzir tostões.

Os inqualificáveis vendilhões da inteligéncia, não tardaram em descubrir casas (que só existem na sua mioleira podre) que serviam para depósitos de armamento e dinamite; covis de anarquistas que «por trás da cortina tem tomado parte saliente no movimento». Espavoridos deram então o grito de alarma, como se tivessem encontrado uma toca de animaes ferozes. E impiedosamente descarregaram sua cólera sôbre os estrangeiros, únicos importadores desta cousa tão medonha, mas que êles souberam, a estes mesmos estrangeiros, fazer abandonar o logar em que viviam e vir por caminhos longinqüos para serem explorados, e se dentre êles algum tiver a ousadia de protestar, será perseguido, espadeirado e expulso «para fora da barra»; o mesmo acontece nas bem celebres fazendas de São Paulo.

Os corifeus da imprensa não podiam ver com bons olhos êste movimento tão pacífico, então, para fazerem jús a ração que o burguês lhes atira no fim do mês, precisavam descubrir um meio qualquer para dar um *correctivo aos perturbadores da ordem*, que tinham o arrojo de pôr em sôbre-salto uma população inteira e prejudicar immensamente os *sagradíssimos* interesses do capital, e, não encontrando outro, puseram-se a atiçar os fieis aliados do capitalismo contra o povo. Depois de insistir algumas vezes na primeira oportunidade, tiveram a imensa satisfação de ver realizados os seus generosíssimos desejos — a polícia que mantinha a tão decantada ordem, espadeirando e dispersando o povo a patas de cavalos, enquanto êles, satisfeitíssimos aplaudiam.

Por fim, como bajuladores profissionaes que são, não se cançavam em dar aos trabalhadores, *sapientíssimos* conselhos (que melhor fariam se as guardassem para si) e publicar, diàriamente, os formidáveis partos dos piramidalescos critérios dos patrões, que dia a dia se confessavam mais amigos dos operários, recebendo de «braços abertos, com extremo carinho os que voltaram ao trabalho», e agora, que voltaram todos ao trabalho, começaram a fazer escolha, indubitavelmente dos — *crumiros* — e dos que mais falta lhes faziam, deixando desocupados os que menos costumavam aturar os seus desaforos e prepoténcias. E isso, porque tinham, para com seus empregados «tanto carinho e tão elevado critério».

Julgam, talvez, os patrões que fizeram grande cousa concedendo nove horas de trabalho, porque, segundo êles, na Alemanha «ainda não é uma realidade a idea de 8 horas», mas não se lembraram de trazer em colecção um país muito mais próximo, no qual já se luta pelas seis horas, que é a Republica Argentina.

A despeito de tudo e de todas as perseguições, as ideas novas vão ganhando terreno e as *grèves* que em aparéncia fracassam não são mais do que lições nas quaes os trabalhadores devem beber os mais fecundos ensinamentos.

Na *grève* que a pouco acaba de findar, os operários tiveram (os que ainda duvidavam) uma prova bem frisante do que é a imprensa burguesa, que a princípio se mantinha irresoluta, porém, não tardou em definir o seu campo.

Tiveram tambem a prova que não é a golpes de entusiasmo, com «ensurdecedoras vaias ou com bons xefes que se obtem a vitoria de uma causa tão grandiosa, que o proletariado do mundo enteiro, a muitos anos, por ela se está batendo, mas sim, quando todos tiverem noção exacta do que é solidariedade, e quando estiverem lògicamente organizados.

Trabalhadores! nem por isso deveis desanimar; antes pelo contrario: sêde bem unidos, difundí entre vós a instrução e prosoguí a luta.

24-10-906.

Espártaco Pisacani.

SINDICALISMO

O Congresso Operario Regional Brasileiro", reünido em abril do corrente ano, no Rio de Janeiro, adoptou, entre outras inportantes resolucões, a seguinte moção relativamente ás organizações operárias:

„Considerando as diversas condições do proletariado e da industria, conforme os logares, o congresso aconsêlha de preferencia:

O sindicato abrangendo todos os ofícios nas grandes empresas ou companhias, quando estas se achem directamente ligadas entre si sob uma mesma administração;

O sindicato de ofício, nas profissões isoladas e independentes;

O sindicato de industria, quando vários ofícios estão estrictamente ligados ou anexos á mesma industria;

A união de ofícios vários só no último caso, e com o fim de facilitar e provocar a formação das outras espécies de associação de resistencia."

Sendo, como é o sindicato o melhor meio de luta operária procuramos por todos os meios fazer propaganda no sentido de ser comprendido e adoptado, pelo operariado do Rio Grande, esse método de organização.

Para isso estamos publicando as „Bases do sindicalismo", de *Pouget*, e, terminada essa publicação, faremos imprimi-la em folhêtos, afim de que os trabalhadores mais detidamente possam estudar e avaliar todo o alcance do sindicalismo operário.

Em outro lugar publicamos indicações sobre essa publicação.

—

Como já fizemos referencia, nesse Congresso foi, tambem, resolvido organizar-se a „Confederação Operária Brasileira" e para isso nomeada uma comissão organizadôra, que está agindo no sentido de tornar esta resolução uma realidade.

Brevemente iniciaremos uma série de artigos tratando das resoluções tomadas nêsse Congresso.

Por absoluta escassez de espaço somos forçados a preterir artigos de redação, várias noticias e colaborações, entre as quaes o terceiro artigo da série que, sobre os gráficos, escreve o nosso colaborador O. Diamico.

Escola Elizeu Reclus

Sède: rua dos Andradas n. 64. Lições: terças e sextas-feiras, das 7 ás 10 horas da noute, diversas materias, e ás quintas, gymnastica suéca, das 7 ás 9 hs. da noute.

A LUTA

Grupo Editor de Propaganda

Vários companheiros resolveram fundar um grupo para a publicação de folhetos, livros, etc., de propaganda do nosso ideal. - Esse grupo obedecerá ás seguintes bases:

1. Cada *Série* terá pelo menos vinte e cinco sócios, contribuindo cada um com cinco mil réis (5$000).

2. Cada sòcio receberá 20 exemplares dos folhetos editorados na série.

3. O producto da venda será empregado na publicação de outro folheto, e assim successivamente.

4. Se houver excesso, será êle destinado á compra de brochuras e livros de propaganda já publicados em vários idiomas.

Destas obras cada sócio terá direito a recebêr *UMA* pelo preço do custo.

O primeiro folheto da *SÈRIE I* é

BASES DO SINDICALISMO

de Emilio Pouget, e, estando no prelo, aceitamos encomendas e sócios, desde já. — Preços:

1	exemplar	200 réis
10	exemplares	1.500 „
50	„	5.000 „
100	„	7.500 „
500	„	10.000 „

Os pedidos deverão ser dirigidos á redação d'*A Luta* — rua dos Andradas n. 64 — Pôrto Alegre.

Movimento Operario

A greve

Está terminada a parede que, por tantos dias e com tanta energia, sustentaram diversas classes de trabalhadores desta cidade.

Apenas alguns mais rebeldes e que se não querem conformar com as pequenas concessões que á nossa burguesia foram arrancadas pelos paredistas, continuam firmes no seu louvavel proposito de só trabalharem oito horas.

A derrota, que alguns jornaes mercantis afirmam ter sido completa por parte dos operarios, é antes uma soberana vitoria. Vale por uma afirmação de direitos, que até então não eram reconhecidos aos homens de trabalho.

A recente parede, conforme a propria afirmação das folhas que defendem os patrões, abalou profundamente o meio social em que vivemos. Os burgueses desta capital compreenderam que inda há uma força, com que eles não contavam, e que não lhes permitirá levar suas especulações ao extremo limite como desejariam.

Hão de admitir que os homens suarentos que lhes dão o preciso para o goso ostensivo da riqueza tambem são uma «particula» da sociedade, ainda que assim o não entendam os obcecados.

Tremeram as classes conservadoras com o movimeato reivindicador dos trabalhadores e procuraram por todos os meios encontrar uma solução esmagadora para a questão e, afinal, outro remedio não tiveram senão fazer algumas concessões.

A burguesia habituada a digerir pacatamente o produto das suas explorações, enquanto os trabalhadores extenuados se recolhiam cabisbaixos aos seus tugúrios antihigênicos — a princípio duvidou de que ainda restasse aos operários energia para reclamarem seus direitos, mas em dado momento começou a se alarmar e a pedir providências aos podêres que, sempre, nas horas de perigo, são seus fieis aliados.

No momento da luta distinguiram-se bem os dois campos: de um lado a burguesia que explóra e tem por si toda a força do dinheiro, o apoio dos governos, a proteção da justiça, a guarda das autoridades e toda a simpatia das classes conservadoras — clero, militarismo, imprensa — são os supérfluos; do outro, os operarios de todas as classes, sós, sem um apoio que não a propria energia, sofrendo todas as conseqüências da actual sociedade, morando em casebres tristes e infétos, alimentando-se do pão duro da misèria — são os produtores, são os uteis.

O alarma dos patrões é justo, pois vêem no despertar do operariado a ameaça terrivel de se verem despojados d'alguns vintens que representam o produto da sua ganância e que são minutos que o trabalhador deveria dedicar á familia.

Os operarios naturalmente previram a resistencia por parte dos patrões, pois estes não são tão sensiveis que fossem sem mais nem menos acedendo ás reclamações que lhes eram feitas em termos comedidos.

Diversos proprietarios pediram *providencias* ás autoridades que se apressaram em as dar. O que sobremodo os irritou foi a calma dos operarios que se mantivéram em *grêve* pacifica e no entanto os burguêses desejariam um motivozinho para que a força pudesse intervir...

E não seria de extranhar que um simples pugilato qualquer que porventura se dásse entre operarios fosse bastante para o começo da repressão. E' a tática de todos...

Desejariam antes que os trabalhadores promovessem qualquer manifestação, onde se ouvissem alguns brados de revolta, para, então varrer os *imprudentes* a patas de cavalos, e, em seguida, efeituar-se-iam prisões em maça, deportar-se-iam estrangeiros e, por meio do terror, restabelecer-se-ia a «ordem» burguesa continuando os patrões, como dantes, tratando os operarios como escravos.

Bem avisados andaram os operarios que bem compreenderam, melhor que seus intitulados xefes, que a organização que tinham, era insuficiente para uma luta decisiva na qual teriam que enfrentar com toda a força do poder organizado, o qual, como é natural, não admite a rebeldia contra a exploração capitalista.

E, se os operarios pessimamente organizados, como estavam, sem ter, a maioria, ideia exacta de solidariedade de classe, conseguiram que os patrões reduzissem de um pouco seus «lucros», é bem de esperar que, quando, melhor orientados por uma san propaganda de organização, tiverem comprendido todo o alcance da solidariedade, conseguirão ver atendidas suas reclamações com mais solicitude pelos que a tem, não diante da razão, mas da força.

E' cada um tornando-se consciente de suas acções, sabendo bem combinar seus esforços com os dos companheiros de trabalho e assumindo a responsabilidade de suas reclamações directas, que se terá a melhor garantia de triunfo para a causa emancipadora dos operarios.

E' quando os trabalhadores souberem, ao estalar uma *grève*, imediatamente se reunir e, prescindindo de intermediarios, commissionados se dirigirem ao patrão com ele discutindo com exata competencia suas reclamações, que terão realmente dado um grande passo para sua emancipação.

Os operarios hão de se convencer que só êles proprios sabem e devem lutar pelos seus interesses.

Repitamos aqui mais uma vez a verdade de Karl Marx: — a emancipação dos trabalhadores será obra dos proprios trabalhadores.

Classe caixeíral

Uma das classes de trabalhadores mais exploradas e tambem uma das que mais resignadas se tem mostrado até aqui com esta situação, é incontestavelmente a classe caixeiral.

De quando em quando, alguns dentre eles, mais ousados, reunem-se e, nomeada uma commissão, procuram concertar um convenio com os patrões, afim de diminuirem as horas de afanoso labor.

Geralmente os patrões, deante dos bons modos com que se presenta esta commissão, não têm coragem de negar o pedido.

Durante um, dois meses vae tudo muito bem, fechando-se regularmente os estabelecimentos comerciaes ás 8 horas da noite. Depois, o patrão vae prolongando o horario, a pouco e peuco, té que volta ao antigo: 9 horas.

E os caixeiros, sem sequer se lembrarem de que poderiam avisar os srs. patrões de que haviam firmado um convenio e de que o deveriam respeitar, continuam, mui resignadamente, por longo tempo, trabalhando dês das 6 horas da manhã ás 9 da noite, té que de novo lhes vem a ideia de mais um convenio. Tantos firmados, quantos anulados.

Parece que já era tempo dos caixeiros deixarem de acreditar em convenio com patrões...

Entretanto, ultimamente, estimulados talvez, pelo movimento operario, novamente organizaram uma comissão que, de porta em porta, procurava angariar as assinaturas dos varejistas.

Como sempre tem acontecido, a maioria dos patrões, prazenteiramente, aderiu á ideia, que, para eles, já é *conhecida velha...*

Os caixeiros mostravam-se, como de outras vezes, satisfeitissimos com e resultado de seu emprendimento.

Marcado o dia 15 para inicio do que fôra combinado pelo convenio, quasi todas as casas de varejo fecharam ás 8 horas.

Uma, porém, que tambem havia assinado o convenio, por isto, ou por aquilo, conservou-se aberta além daquela hora.

Os caixeiros, supondo, talvez, que o proprietario desta casa tinha o proposito de burlar o convenio, reuniram-se, em grande numero, á frente do estabelecimento, e proromperam em sibilante vaia. O dono do estabelecimento vaiado imediatamente pediu providencias á policia e esta, sempre pronta a garantir a liberdade de trabalho, ou a de comercio, não se fez esperar, comparacendo duas forças: uma de cavalaria, outra de infantaria.

Usando do modo pouco cortez com que costumam as autoridades tratar o povo que trabalha para os sustentar, foi pela referida força dispersada a reunião.

Para o dia seguinte, porém, novos e mais graves acontecimentos estavam reservados.

A' hora convencionada fecharam-se as casas comerciaes, com excepção da que na vespera dera motivo a vaia. Uma compacta mole de caixeiros, á qual se agregaram muitos populares, estacionou enfrente do estabelecimento. Desta vez, porém, silenciosos mantinham-se todos. Nem um grito, nem um assobio; uma eloquente manifestação silenciosa.

Daí a momentos ouviu-se um tropel: era um piquete de cavalaria que se aproximava. Chegado que foi ao local, onde se achavam reunidas mil e tantas pessoas, essa força recebeu ordem de — CARGA!... — E os soldados desenbainhando as espadas, acutilaram as pessoas que encontravam pela frente e que eram atropeladas a patas de cavalos.

Nem sequer se prestou uma homenagem de respeito aos populares que lá se encontravam, avisando-os do que se ia proceder.

Muitos que ali se achavam, apenas por curiosidade (parece que se tem o direito de ser curioso num país que se diz civilizado), levaram pranchadas e ferimentos produzidos pelos soldados, que aos gritos de — ESPAIA!... ESPAIA!... — galopavam pela rua da Praia a fóra, brandindo espadas, como se estivessemos num país barbaresco.

No dia seguinte a *imprensa* elogiou o procedimento da policia e até alguns jornaes lamentaram que estas scenas se não repetissem com mais frequencia, afim de melhor educar o povo...

Na noite de 17, então, transformou-se a cidade numa verdadeira praça de guerra. Guardas reforçadas, rondas, patrulhas, sentinelas, piquetes, batalhões de prontidão, e por pouco que não saiu á rua um parque de artilharia...

E tudo acabou nessa terrivel exibição de força.

—

Os patrões é que, com isso acharam um motivo para mais cedo revogarem o *convenio...*

E, com outra assinatura anularam a que tinham dado aos caixeiros, resolvendo desde então continuar fechando ás 9 horas.

—

Os jornaes, para melhor poderem descompor e censurar o procedimento dos caixeiros, resolveram dizer que a maioria deles não se meteu nestes acontecimentos, e, em indirectas infames, atribuiam tudo aos operarios *grévistas*.

E mais uma vez ficou provado que o povo, isto é, as classes trabalhadoras, que tudo produzem e tudo pagam, não têm a seu lado jornal algum, por mais que "do povo„ se intitulem eles.

Invertem os factos, forjam boatos, urdem intrigas, para deturpar o menor movimento que porventura faça o povo trabalhador a fim de aliviar de um pouco a carga que lhe pesa sobre os hombros.

—

Julgamos que esses factos, em muito concorrerão para que os caixeiros, comprendam que, como nós operarios, estão tambem sujeitos á mesma tirania patronal e que têm contra si todos os elementos que constituem a defesa da burguesia.

Torna-se preciso que os caixeiros organizem, portanto, uma associação de classe que trate exclusivamente de seus interesses economicos, procurando solidalizar todos membros da classe caixeiral, para, no momento de formularem alguma reclamação, poderem contar com suas proprias forças, pois que todas as outras que se lhes mostram simpaticas nos dias de calma, quando se trata de pretender alguma melhoria para a classe, são completamente negativas.

—

A proposito, lembramos aqui, que os caixeiros no Rio já se organizaram em sindicato e têm já obtido algumas vantagens para a classe.

Lá existe a opulenta Associação dos Empregades no Comercio, mas, como todas desse genero, só trata dos interesses dos capitalistas negociantes.

Só os caixeiros saberão e poderão tratar de seus proprios interesses. E, enquanto se não habituarem a continuadamente velar por suas conquistas, de nada lhes valerão — *convenios e amigaveis arranjos* — quando não ha lei nem força que possa salvaguardar a assinatura de um burguês contra possiveis acessos de raiva, fundamentada ou não.

—

De um caixeiro, recebemos uma carta tratando de assuntos inherentes á classe, que, por falta de espaço, deixamo-la para o proximo numero.

Os padeiros

Com o intuito de abolir o trabalho aos domingos a "União dos Padeiros" convocou uma reunião no «Club Caixeiral» convidando tambem todos patrões para que esses entrassem num acordo com elles; chegado, porém, o momento aprazado, verificou-se que apenas um limitado numero de patrões havia comparecido á reunião.

Em vista disto nomearam os padeiros uma comissão afim de que essa, conferenciando com cada dono de padaria, conseguisse seu tão almejado fim, e assim deu-se.

Em 16 padarias tudo correu às mil maravilhas, chegando porém ás principaes, os donos destas que já sabiam, de antemão, estar o sr. Manoel Fonseca no firme proposito de não aceder ao pedido dos operarios, recebeu a comissão como resposta á sua consulta o incabivel e já tão explorado — «*cederei si fulano ceder*».

E isso bastou para que os padeiros dessistissem de sua tentativa e se recolhessem á uma espectativa messianica.

O que é de lamentar é que, além dos indiferentes, hajam ainda entre os operarios padeiros alguns que até contrariam essa justa aspiração de seus colegas, dificultando as tentativas dos poucos que inda tem coragem delutar pelos interesses da classe.

Não quererão os companheiros padeiros sair da triste situação em que se encontram?

As perseguições

Não é para nós cousa nova o facto de, após uma *grève*, desenvolverem os patrões perseguições contra certos e determinados operários que nela tomaram parte e que, por seu espirito de combatividade, constituem um estôrvo aos manejos cavilosos da burguesia.

Assim é que esperávamos deantemão tal procedimento dos srs. patrões, se bem que, como de costume o fazem todos, êles prometessem ser duma bondade infinita, aceitando, sem a minima adversão nem malquerenças, todos os ex-*grèvistas* depois de passado o incidente.

Mas tal não aconteceu e, uma semana inda não era decorrida do termo da *grève*, começaram as mesquinhas perseguições aos proletários, que, no entanto, haviam voltado a trabalhar aceitando o convénio dos patrões da jornada de 9 horas.

No próprio dia designado para a volta ao trabalho, os donos de casa fizeram a sua selecção, despedindo operários e operarias que já haviam sido postos no index patronal.

Procuram justificar tal procedimento, já que não têm a necessária coragem de usar franqueza, alegando terem preenchido logares, ou diminuição de serviço.

Mas bem conhecemos os manejos desleaes que costumam empregar em taes casos os srs. patrões.

Resta aos trabalhadores saberem reagir contra esse procedimento triste, que vem afastar de nosso meio, justamente os melhores combatentes da causa operária; e é esse justamente o único fim dos patrões.

Na Fábrica de meias, deixaram de trabalhar grande número de operarios por quererem os patrões só lhe dar serviço depois que cada um dos ex-*grèvistas* pessoalmente fosse pedir, por favor, para voltarem á fábrica. Algumas operárias também pelo mesmo motivo não foram trabalhar.

Na Fábrica Fiação e Tecidos, um

dos directores, se colocou á porta de entrada, apontando os que podiam continuar e os que deviam ser despedidos. Devido a isso, muitos que tinham sido *agraciados* com a *benevolência* patronal, retiraram-se da fábrica.

Em muitas outras oficinas deram-se casos semelhantes.

Da Fábrica de camas metálicas Wahrlich foram despedidos dois aprendizes, como sendo instigadores da *grève*, naquela oficina!...

Cerca de 15 operários chapeleiros estão sem colocação.

E é essa a «tolerância» e «bondade» dos patrões apregoadas pelos seus defensores do jornalismo local.

A imprensa dos capitalistas até aqui acusava os operarios de, com a *grève* «perturbarem a sociedade creando entraves á incipiente industria do Estado» e agora que os trabalhadores resolveram aceitar o convénio das 9 horas ¿não acusará êla os patrões que, com seu procedimento, dificultam o trabalho, ao mesmo tempo que estão provocando outra *grève?*

Não, estamos certos, pois o seu interesse pela ordem só se manifesta quando se trata das lutas oprerárias.

AS 8 HORAS

Nas reuniões que os industrialistas levaram a efeito com o fim de combinarem a acção contra as reivindicações proletárias, nesta capital, alguns dêles disseram e os jornaes repetiram, que a ideia das 8 horas ainda não era vencedôra noutros paízes mais adiantados, e onde o operariado possúe mais fôrça combativa que aqui

Isso é simplesmente uma grosseira falsidade que nenhuma pessôa, que tenha lido algo á cêrca do movimento operário europeu ou norte-americano, afirmará, por certo.

Pois fiquem sabendo os cidadãos capitalistas e seus defensores que a ideia da jornada de oito horas é vencedoura em quase todos paises do mundo.

Na Alemanha, todos estabelecimentos governamentaes, que são em grande número, funcionam 8 horas e em muitas cidades industriaes igualmente foi, de há muito, geralmente estabelecido aquêle horário. Em todas as demais cidades da Germania a maioria das classes laberiosas só trabalha 8 horas.

Na França está quase generalizado esse horário. Se aos trabalhadores custou um pouco obte-lo devem-no ao facto de terem depositado, por muito tempo, suas esperanças no governo e nos deputados socialistas; logo que se decidíram a directamente o reclamar, a vitoria foi compensadôra de seus esfôrços.

Na Itália, grande número de classe trabalhadoras acabaram de conquistar as 8 horas no último 1º de maio.

Tambem na Espanha muitos estabelecimentos industriaes só funcionam 8 horas.

Naturalmente em todos esses países existem algumas classes de trabalhadôres, que, em virtude dos mestéres em que se ocupam, ainda lhes não foi possivel, realizar a conquista das 8 horas, como por exemplo, padeiros, caixeiros, cocheiros, barbeiros e outros oficios.

E mais, srs. capitalistas atrazados, nos Estados-Unidos, os próprios indástrialistas, principalmente os proprietarios das fundições de carris, fizeram a experiencia das 8 horas e concluiram quo um operário trabalhando 8 horas, tendo, portanto, mais descanço, podendo melhor refazer as forças perdidas no labôr quotidiano, dava a mesma produção e melhor do que um que trabalhasse 10 por dia. Essa conclusão dos capitalistas americanos é muito lógica e natural, pois é claro que um homem que diariamente trabalha de manhã á noite vai pouco a pouco perdendo as fôrças e portanto diminuindo o poder produtivo gradualmente; ao passo que um, que possa todos dias descançar algumas horas e respirar livremente o ar diurno, com mais probabilidades conservará sua fôrça física e melhor disposição para o trabalho.

Já vêem os patrões de Porto Alegre que a questão das 8 horas não é nenhum „bicho de sete cabeça"...

Quanto á importancia economica dessa conquista os srs. capitalistas, tão bem como nós, sabem que é quase nula. Sendo os operários os pronutores e ao mesmo tempo consumidores de uma parte da produção é claro que o que dérem os capitalistas aos produtores tirarão aos consumidores, e ficará tudo na mesma, apenas os trabalhadores com algumas horas em que poderão descancar, pensar, estudar. Mas é justamente isso que não convém ás classes dirigentes. O dia em que os operários poderem estudar e pensar está perdida a burguezia!...

P. S.

O ANARQUISMO

A' proposito da ultima parêde declarada pelos proletarios de diferentes classes que reclamavam, com justiça, a redução do horário de trabalho, *alguem* lembrou-se de denunciar á polícia a existência de alguns anarquistas nesta capital.

Não houve então diário que não désse uma penadinha com referência aos anarquistas, apresentando-os, conforme a denúncia, como fomentadores de desordens e incitadores de crimes entre os paredistas. E pintaram-nos como bandidos dinamiteiros, cuja ideia única, cifra-se em destruir, incendiar matar pelo prazer exclusivo de fazer mal a tudo e a todos.

Algumas folhas insistiram, por indirectas, de que se tornava necessario expurgar de nosso meio os monstros que dizem ser os anarquistas. Uma dentre elas chegou até a dedicar ao assunto uma longa cronica, na qual seu autor demonstrou (*não queremos admitir requintada má fé*) uma ignorancia absoluta dos mais rudimentares conhecimentos de sociologia, pois, para formular uma acusação aos adeptos do anarquismo, limitou-se a reproduzir insultos e infámias de que só a interesseira boçalidade burguêsa costuma lançar mão.

Os leaes adversários do anarquismo não costumam combatê-lo servindo-se, como argumento, de actos de individuos insulados que, em dado momento, julgam só poder opôr á violência organizada da sociedade actual, a violência destruidôra da dinamite, aliás, em muitos casos, aconselhada por pessôas que nada absolutamente têm de anarquistas. O anarquismo é uma filosofia social que, por suas bases rigorósamente naturaes e humanas, dia a dia mais se impõe entre as pessôas inteligentes que estudam o problema sociológico e conta uma copiosa literatura, na qual têm colaborado scientistas e filósofos como *M. Guyau, Eliseu Reclus, Enrico Malatesta, Pedro Kropotkine, Maximo Gorki, Charles Malato, Sebastião Faure* e muitos outros escritores de reconhecido talento. No Brasil tem adeptos entre jornalistas e escritores como Fábio Luz, Curvêlo de Mendonça, Joel de Oliveira, José Verissimo, Rocha Pombo, Neno Vasco e outros.

Não é, pois, com meia duzia de penadas insultuosas de jornalistas baratos que se destróe um sistema filosófico que tem, como o anarquismo, a seu lado os mais belos talentos de que se póde ufanar a humanidade.

No próximo número encetaremos a publicação de uma série de artigos expondo o que é o anarquismo.

Cicilio Dinorá.

Aos que desejam combater o anarquïsmo conhecendo-o, lembramos que existem nas livrarias desta capital alguns livros que podem elucidá-los. Na Livraria Americana ha a *Sociedade Futura*, de Grave; *A Luta pela Vida*, de A. Vacaro; *Ideólogo*, de F. Luz; *Regeneração*, de C. Mendonça; e muitas outras obras em francês.

Encarregamo-nos, mediante pagamento prévio, de mandar vir qualquer obra, das inúmeras que existem publicadas, em diversas línguas, de uma casa de Paris, com a qual estamos em correspondéncia. Em nossa redação encontra-se um resumo do catalogo.

Aos jornalistas que tão criminosa e horrenda julgam a doutrina anárquica, chamamos a attenção para um artigo de Pedro Kropotkine, sob a epigrafe — **O anarquismo,** e publicado no *Jornal do Commercio*, desta capital, de 20 de março do corrente ano.

N. da R.

ECOS DAS OFICÍNAS

Fábrica de mêias

O director Otto Fenselau, querendo mostrar o quanto vale um *director-gerente*, vinga-se dos operarios que tiveram a precisa energia para se baterem por um direito que lhes é negado, aderindo á grève, impondo-lhes que se coloquem na posição de *humildes, (como um sargento ao soldado, quando diz:* ponha-se na fórma!...)

Quando os trabalhadores voltam ao trabalho o *carinhoso amigo* dos operários, com inqualificável sem-ceremonia, os ensina a, com toda a humildade, pedirem trabalho nos seguintes termos: «o senhor faz favor de me dar trabalho?»

E para obter a realização do seu desejo, não admite trabalhadores que não saibam falar um dos dois idiomas — português e alemão — para os obrigar a repetir as palavras que costuma ensinar.

Antes da grève não se admitia ali operários nacionaes. Agora, porém, uma operária que só conhecia o idioma polaco, eaderiu no começo a grève mas, depois de alguns dias, seu marido teve a desgraça de enlouquecer, e ela viu-se obrigada a voltar ao trabalho, para dar sustento a seus filhinhos, e ao terminar a grève esta operária foi despedida do trabalho, ficando com seus filhos na extrema miséria.

E' nisto que consiste o *carinho* dos patrões *amigos*, para os que trabalharam alguns anos em suas fabricas!...

A jornada de 6 horas

Enquanto os proletários de Pôrto Alegre apenas começam a mover-se para a conquista das 8 horas e a burguesia faz tremendo escarcén ante esta modesta aspiração, o operariado argentino, que de há muito obteve as 8 horas, começa a fazer propaganda para reduzir a 6 horas a jornada.

Para que leiam os jornalistas que costnmam deitar sapiéncia de conhecimento do movimento operário, falando catedràticamente da Alemanha e outros paises, onde, dizem, não é ideia vencedora as 8 horas, transcrevemos d'*El Obrero* (15 de agosto de 1906), de Montevidéu, a seguinte noticia:

Os quatro seis

E' inegavel que a classe operária da Republica Argentina se encontra hoje á altura das nações mais adeantadas da Europa, tratando-se de progresso e emancipação; já quase nenhum operário trabalha mais de oito horas por dia, e agora se agita a classe trabalhadora para conquistar seis horas de trabalho.

O gremio de pedreiros em seu órgão da imprensa diz:

« Os construtores e arquitectos estão trabalhando para vêr se podem formar o *trust* na construção, meio que consideram de uma eficácia indiscutível para destruir as associações obreiras e dobrar a cerviz do proletariado.

« Nós, para provar-lhes que nada, impunemente, pode ameaçar nossa independencia, devemos erguer-nos e exigir as SEIS horas, tanto no inverno como no verão, e assim veriam êles, que a nòs, não só não se nos deve tocar, senão que nem sequer se deve ameaçar em nossa integridade pessoal, porque estamos sempre dispostos a dar-lhes o que merecem.

« Companheiros pedreiros!

« Demos provas de nossa consciência e afrontemos nossos adversários!

» Provemos-lhes que somos homens!

« Mostrando a altivez de nossas energias, organizemo-nos!

« Viva a conquista das 6 HORAS! »

O *El Obrero Albañil* regulariza as 24 horas diarias da seguinte fórma: *seis horas de trabalho, seis horas de diversão, seis horas de instrução e seis horas de repouso.*

Para o efeito, entre os temas que apresenta ao VI congresso da *Federacion Argentina* proximo a celebrar-se, propõe o seguinte: " *E' de utilidade determinar uma data fixa para que todos os gremios se lancem á grève geral em prol das seis horas.*"

Não duvidamos de que a iniciativa terá o apoio dos demais gremios e que pronto tratem de pô-la em pratica.

Nossos aplausos aos operarios da vezinha republica.

Factos e Comentários

Moral „dêles"...

Os jornaes da semana passada trouxeram dois factos que põem bem núa toda a miseria desta sociedade e demonstra a situação triste a que são levadas as pobres filhas dos operários:

Um é o suicídio da joven Beatriz Bandeira, orfam de pae e mãe, 19 anos, solteira, residente á rua Senhor dos Passos, levada a êsse acto por ter sido deflorada e abandonada por pessôa pertencente a família da „élite social".

O outro facto é o da menina Maria Galdina da Conceição, de 11 anos, orfam, e que, entregue a uma família tambem da „élite" foi cruelmente maltratada a ponto de fugir da casa de seus alguzes. Apresentava o corpo marcado de contusões e lanhos que, conforme confessou a pobre, foram feitas pelos pontapès da megéra ao serviço de quem estava.

Os jornaes cuidadosamente ocultaram os nomes dos criminosos, visto tratar-se de gente decente...

E os operários ainda têm coragem de perturbar com uma *grève* o „funcionamento da sociedade"...

Polícia judiciária

Por occasião da recente *grève*, começaram a prestar seus valiosos serviços á polícia dois hábeis espiões que, em muito, concorreram para sufocar, no nascedouro, o tremendo atentado que se estava então forjando.

E' o caso que aqueles dois distintos auxiliares da polícia, empregando hábilidade e tino, descobriram e denunciaram um covil de anarquistas que, pretendendo pôr em pratica um conselho que ouviram num *meeting* popular, procuravam minar os quatro cantos da cidade e fazê-la voar a dinamite.

Oportunamente daremos a biografias dêstes dois beneméritos.

Bases do Sindicalismo

A base do acôrdo social

Demonstrado que o movimento sindicalista ou associativo do séc. XX é, no ponto de visto histórico, a conseqüencia normal dos esforços da classe operária do séc. XIX, resta examinar o valor deste movimento, no duplo ponto de vista filosofico e social. Estabeleçamos primeiramente, em rapidas linhas, as premissas:

O HOMEM É UM ANIMAL SOCIAVEL. Não pode — e nunca pôde — viver isolado na natureza. E' impossivel conceber a sua existencia a não ser agrupado em sociedades. Por mais rudimentares que tenham sido os primeiros aglomerados humanos, sempre foram associações.

Não é verdade que, como ensinava J. J. Rosseau, teorico da servidão democratica, tenham os homens vivido, antes de se reunirem em sociedades, no „estado de natureza", d'onde só hajam podido sair abdicando, por «contrato social», uma parte dos seus direitos naturaes. Essas puerilidades, hoje desacreditadas, gosavam de grande favor no fim do séc. XVIII. Elas inspiraram os burgueses revolucionarios de 1789-93 e continuam a ser o fundamento do direito juridico e das instituições que nos sufocam. Por erroneos que sejam os sofismas de Rosseau, têm a vantagem de dar um verniz filosofico ao principio de autoridade e de ser a expressão teorica dos interesses da burguesia. Eis porque esta deles se apropriou; bastou-lhe alinha-los em «Declarações dos direitos do Homem», e em artigos do codigo, para ter um perfeito breviario de exploração e dominio.

Não é tão pouco verdade o que darvinistas proclamam: que a sociedade seja um perpetuo campo de batalha onde a regra única, entre humanos, é a *luta pela existencia*. Esta teoria, tão monstruosa como falsa, dá uma tintura de hipocrisia scientifica ás peores explorações. Com ela se explica que o explorador é um *forte*, produto da seleção natural, ao passo que ao explorado — *um fraco*, — victima das fatalidades (naturaes tambem), só lhe resta vegetar ou desaparecer, conforme os *fortes* tiverem interesse numa ou noutra dessas soluções.

Se é certo que a *luta pela existencia* contribuiu para o progresso das especies inferiores, não menos certo é que, quando sob influencias varias, intervem, numa determinada especie, o *acôrdo para a luta*, o raio de acção da *luta pela existencia* desloca-se: a luta já não se manifesta entre os individuos da especie associada; é desde então contra as especies visinhas e concorrentes. Foi o que se deu com o animal humano. Se, nas remotas idades primitivas, ele não se houvesse solidarizado com os seus semelhantes, nunca teria saído da animalidade. Para o homem, pois, a SOCIABILIDADE apresenta-se como a condição expressa não só de *progresso* mas ainda de VIDA.

Este *acôrdo para a luta*, longe de constituir para o ser humano uma diminuição de individualidade, foi para elle o meio de aumentar e de multiplicar o seu poder de bem-estar. O exame das condições reaes de VIDA na especie humana, leva pois á negação das teorias postas em voga pelas classes dominantes, — teorias apenas destinadas a facilitar e justificar a exploração e a opressão das massas populares.

Efectivamente, — embora com cambiantes teoricos, — as duas doutrinas (democratismo á Rosseau do séc. XVIII e darvinismo burguês do XIX) chegam á mesma conclusão: proclamam o espirito de sacrificio e ensinam que «a liberdade de cada um tem por limite a liberdade doutrem». Graças a elas é que o espírito de sacrifício, desacreditado em sua expressão religiosa, readquiriu fama tornando-se um principio social. Essas doutritrinas repetem obstinadamente que, pelo simples facto de aceitar a vida em sociedade, o homem *sacrifica* parte dos seus direitos naturaes. Esta oferenda, celebra-a no altar da Autoridade e da Propriedade, e, em troca de tal abandono, adquire a esperança de gosar os direitos que sobreviveram ao sacrificio.

Os povos modernos, embaídos por essas metafisicas — uma de aparencia scientifica e outra de mascara democratica, — curvaram a espinha e aceitaram o sacrificio. E tão reprendidos e doutrinados foram que inda hoje cidadãos que se presumem intelectualmente emancipados aceitam como axioma indiscutivel que a *liberdade de cada um tem por limite a liberdade de outrem.*

Esta fórmula mentirosa não resiste ao exame. Ela proclama nada menos do que um perpétuo e constante antagonismo entre os homens. Se fosse exacta, teria sido impossivel o progresso, porque a vida haveria sido um contínuo combate de féras raivosas, e como a Besta Humana só em detrimento de seus semelhantes teria podido satisfazer os seus interesses, teria sido a luta, a guerra, a ferocidade sem limites. Ora, a despeito de todas as teorias criminosas que dão a sociedade como um campo de batalha, e os homens como só capazes de viver uns á custa dos outros, e dilacerando-se e devorando-se diariamente, houve progresso e apesar de tudo, floresceu a ideia de solidariedade. Triunfam, pois, os instinctos de harmonia social sobre os da luta pela vida.

A esta deducção objecta-se que o Estado foi um agente de progresso e que a sua intervenção foi moralizadora e pacificadora. Esta alegação completa os sofismas acima citados. «A ordem», creada pelo Estado, apenas consistiu em comprimir e oprimir — em proveito de uma minoria privilegiada, — a grande massa popular que, para se tornar mais dócil, foi levada a crêr que a abdicação de uma parte dos seus «direitos naturaes» era o primeiro acto de consentimento no «contracto social».

A' definição burguêsa da liberdade, que consagra a escravidão e a miseria, é preciso opor a fórmula contrária, que é a exacta expressão da verdade social e que deriva do principio fundamental do «acôrdo para a luta»: *a liberdade de cada um aumenta ao contato da liberdade de outrem.* Esta definição, de inelutavel evidencia, é a unica que explica o progressivo desenvolvimento das sociedades humanas. A força expansiva do principio de acôrdo para a vida tem uma potencia dinamica superior ás forças de divisão, de repressão e de esmagamento de que dispõem as minorias parasitarias. Eis porque progrediram as sociedades! Eis porque elas não têm sido unicamente campos de carnificina, ruinas e dôr!

Temos interesse em nos convencermos desta noção de liberdade, para que nos tornemos radicalmente refractarios á inoculação dos sofismas burguêses; e ainda para comprendermos que, como o indica a palavra *sociedade*, o principio motor da humanidade é o *acôrdo para a luta* — a ASSOCIAÇÃO.

Comprendamos igualmente que a SOCIEDADE é a somma dos individuos que a constituem e que ela não tem vida propria e independente fóra deles. E' absurdo, por consequencia, procurar uma felicidade social fóra da felicidade individual dos sêres humanos que compõem a sociedade.

Emilio Pouget.

A LUTA

Nossa permuta

Rio Grandenser Vaterland e *Il Tempo*, desta capital; *A Luta Proletária*, Travessa da Sé, 2, S. Paulo; *O Vehiculo*, rua Conceição, 34-1º, Rio de Janeiro, *A Terra livre*, rua Maria Demitilla, 88, S. Paulo; *Novo Rumo*, Rua Hospicio, 210-1º, Rio de Janeiro, e *El Obrero*, calle Pérez Castellanos, 37, Montevidéu.

Caixa postal

A. A. Guimarães, (Pelotas). — Recebemos. Gratos e esperamos que fará pelo periódico o que puder. Vão 5 numeros.

Luta Proletária (S. Paulo).—Pedimos os ns. 1 e 2.

S. União Operaria (Bagé).— Recebemos. Gratos.

Notas e avisos

Pedimos ás pessôas que possuem exemplares do n. 2 da *Luta*, que não lhes façam falta, o favôr de nô-los devolvêr, visto termos pedidos de fóra e não podermos satisfazê-los por se ter esgotado a edição.

— A's pessôas que nos enviam colaboração ou quaesquer informações pedimos o façam acompanhado das respectivas assinaturas, afim de sabermos com quem tratamos.

A *Luta* tem quem se responsabilize por tudo que aparecer em suas colunas.

Subscrição voluntaria

Lista da redação: — Saldo do número anterior 23$360; Carreta 470; Produto da coléta feita por ocasião da sessão da *União dos Trabalhadores em Pedreiras* 6$500; Batista 1$; Nasi 5$; J. D. 250; Do companheiro José Nasi recebemos, proveniente de 6 cadeiras de extincto *Circolo de Studi Sociali*, a quantia de 15$; A. A. Guimarães (Pelotas) 5$. Total 56$510.

Lista de José Rey Gil: — Carneiro revoltado 100; A. de Castro 500; J. de Pedra 140; Felix Theodoro da Silva 400; Francisco Witmann 200; Pio Mariano 300; Octacilio Portella 100; Salvador Roja 500; Rodolpho Santos 300; João Rosa M. Pinto 200; Abaixo os Leaders 1$; Gertulino M. de Oliveira 100; A. D. de Mello 200; Companheiro Joaquim C. Aragão 500; Clemente Martinez 500. Total 5$040.

Lista de P. M. de Oliveira: — Guerra Junqueiro Silva 600; Luiz Iesla 100; Faghude 100; João da Silva 100; A. P. da Costa 100; F. Fonte 100; W. Häggstrem 200; O socialista M. Joaquim L. da Cruz 1$; Propicio F. Tavares 500; José dos Santos Costa 500; Manoel J. dos Santos 500; Antonio dos Santos 200; Paulo Souza 200; accrescimo 200. Total 4$400.

Lista de Franzotti: — Socialista Sampaio 100; F. de Assis Franzotti 1$. Total 1$100.

Lista de Silvestre Zovauski: — F. Lopes 200; Bernardo Batista 500; Adelino Moraes 200; Ilorio Luiz 200; Vicente Bogo 300; J. B. de Aguiar 200; Umberto Cobre 500; O. V. Schutz 100; Luiz C. Nabinger 400; Graciano 500; Marcos Ortis 200; Policarpo 200; Bento S. 200; José Guimarães 200; Max Schilkorky 200; A. Taioni 200; Antonio Farias 500; Aprizio Camara 500; Emilio Moreira 500; Henrique Kran 500. Total 6$300.

Lista de V. Maidecki: — Oto Onteral 500; Luiz F. Cabral 500; Stefan 200; João Caldeireiro 400; Estandeslau 200; Saturnino J. Paim 200; Antonio Carroceiro 100; Pedro J. Costa 500; Francisco Sanches 500; H. Lanterbach 500; Hoiosi D. 200; Pedro J. Frank 500; Auro Stein 200; Ladislau Tauwarski 500; Julio A. Heffner 400; Carlos Toffolo 200. Total 5$600.

Lista de Roberto Bonne: — Afonso Cosso 200; Roberto Bona 500; Amigo dos operarios 2$. Total 2$700.

Lista de João Karvatzki: — Karvatzki, Henrique Banermon, Miguel Schmidt, M. Raht, Jacob Fulber, Luiz Benziter, Emilio da Costa, João Regas, C. Wetter, Ernesto Feitsch, 500 réis cada um. Total 5$000.

Lista do Sindicato dos Marmoristas: — Maximo Clemente 100; Ernesto Baseti 100; Ant. Gagi 200; Luiz Kojgarnik 200; Higino Bertangna 1$; José Ponati 200; Luiz Faccini 200. Total 2$000.

Lista (n. 1) de José Ragnone: — Pedro Strein 2$; Alberto dal Prata 1$; Mario Brochado 1$; Vicente dos Santos 1$; Alfredo João da Silva 1$; Henrique Willini Filho 1$; Manoel Rodriguez Pereira 1$.— Total 8$000.

Lista da União Operaria Internacional: — Rodolfo Flugrath 200; Alberto Kause 500; Angelo Roje 100; Pedro Fernandez 100; Um desfrutado 100; Manoel Ordovás Filho 100; Felisberto A. de Oliveira 200. — Total 1$300.

Lista da União dos T. em Madeira: — Diversos 600.

Lista de L. Traugott: — Traugott 500; venda avulsa 400. Total 900.

Lista da União dos Chapeleiros: — Luiz F. Werkhauser 500; Emilio Trindade 500; Oscar Cunha 200; Carlos Alberti 300; Mario Martins 200; venda avulsa 400. Total 2$100.

Lista de José Camargo: — F. y F. 500; B. y C. 1$; Um demonio del inferno 1$; A. y O. 500; Um Dante 200; Um anarquista 200; Um Rayo 1$; Miguel Ibañez 200; José M. C. 1$500; Um homem imparcial 500; Abaixo os mentores 500; Bernardino Silva Pastorisa 500. Total 7$600.

Lista de Bibiano Bertoja: — P. P. 400; Higino Ribeiro 500; Dante Manghi 300; Evaristo B. Guimarães 300; Manoel José Dias 500; Alberto Pianta 500; Viva a anarquia! 1$; Mario Delapicola 500; Octacilio Ferreira 400; B. G. 500. Total 4$900.

Lista de Mazzaferro: — Josefino Liciano 500; Agnel Tamujo 1$; Christini 100; Teodoro Antonio Oliveira 200; Rocco Rosito 500; C. de Rose 400; Jaime Santos 1$. Total 3$700.

Lista de José Forti: — Luiz Scoruso 200; Manoel Ignacio de Sousa 200; Ararnos Russo 400; Luiz Machado 100; Anonimo 100; Estanisláo Guerra 200; Manoel Martin 100. Total 1$300.

Lista de Ladario Frangott: — João Meregalli 200; Franz Fresd 200; Luiz Junior 300. Total 700.

Lista (n. 2) de José Rognone: — N. N. 400; Genovese 200; Alfredo 600; Andrizhetio 2$; P. Adolfo 600; Manoel Domingues 200; Cazimiro Giacob 700. Total 4$600.

Balancete

Entradas:		
Lista da redacção	59$580	
Diversas listas	67$840	127$420
Despesas:		
Sêlos	1$000	
Impressão do 4º numero	50$000	51$000
Saldo		76$420